



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB

A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

IRALDA GONÇALVES DOS SANTOS

ORIENTADORA: SANDRA JACQUELINE BARBOSA

BRASÍLIA/2011



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS



IRALDA GONÇALVES DOS SANTOS

**A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM
DEFICIÊNCIA FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, da Faculdade UAB/UNB - Pólo de Ipatinga.

Orientadora: Professora Sandra Jacqueline Barbosa

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

IRALDA GONÇALVES DOS SANTOS

A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 30/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

PROFESSORA MESTRE SANDRA JACQUELINE BARBOSA (Orientador)

PROFESSORA DOUTORA CELESTE AZULAY KELMAN (Examinador)

IRALDA GONÇALVES DOS SANTOS (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Aos alunos portadores de deficiência física, que só pelo fato de continuarem firmes na luta, já demonstram sua força. Afinal, se não existisse esse tipo de aluno, a realização dessa pesquisa não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois todas as oportunidades de minha vida foram concedidas por Ele, e esta é apenas mais uma entre tantas.

Ao meu esposo Jailton e meus filhos Xayanne e Nícollas pelo apoio, paciência e compreensão devido a tantos momentos de ausência para que o principal objetivo fosse alcançado: a conclusão deste trabalho.

RESUMO

A presente pesquisa tratou da importância da auto-estima para a inclusão de crianças com deficiência física na Educação Infantil. Seu objetivo principal foi compreender a importância do desenvolvimento da autoestima no processo de inclusão escolar do portador de deficiência física. Foi utilizada a pesquisa qualitativa (estudo de caso), com aplicação de questionários a professores, coordenadores e família da criança observada. As principais contribuições foram a ampliação da visão sobre a inclusão de alunos deficientes físicos no Ensino Regular e a aquisição de novos conhecimentos em torno do trabalho que é realizado com alunos deficientes físicos, com enfoque na autoestima.

Palavras-chave: deficiência, autoestima, educação, inclusão.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
I - INCLUSÃO: MAIS QUE UMA LUTA, UM ATO DE AMOR	14
II – OBJETIVOS	18
III - METODOLOGIA: CONSTRUINDO OS CAMINHOS DA PESQUISA	19
IV- RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
V- CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	
A - Carta de Apresentação – Escola	41
B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais	43
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor	45
APÊNDICES	
A – Questionário para pais	47
B – Questionários para professores e coordenadores	50

APRESENTAÇÃO

Na sociedade atual, apesar dos esforços de ONG's e Associações, bem como de políticas públicas voltadas para a valorização da pessoa com deficiência física, prevalece o culto ao corpo bonito e perfeito. A quase ausência de um olhar que aceite as diferenças, no caso específico do objeto da pesquisa, as diferenças físicas, produz, dentre outros fatores, uma baixa autoestima nas pessoas com essas características, dificultando e, muitas vezes, impedindo que as mesmas acreditem e invistam no seu potencial, refletindo de forma negativa em diversos âmbitos da vida social, emocional e psicológica, fazendo com que o indivíduo deficiente físico se autoexclua da sociedade com medo de se expor e ser alvo de inúmeras situações de desvalorização, humilhação, desrespeito e até “nojo” a depender da gravidade da deformidade que ele possuir.

Além disso, as próprias características da deficiência colaboram com a auto-representação pejorativa que o sujeito faz de si mesmo quando se compara com os considerados normais, pois a deficiência,

[...] pode ter como característica uma alteração estrutural ou funcional, psicológica, fisiológica ou mesmo anatômica, temporária ou permanente, podendo ser acrescida de uma anomalia, defeito ou ausência de um segmento, ou qualquer outro órgão do corpo, incluindo-se as funções mentais (AMIRILIAN, 2000).

Aranha (1995) discute também que as deficiências físicas são consideradas não produtivas e fator de baixa produtividade, o que num sistema capitalista contribui com a sua desqualificação por ser “um peso à sociedade”, quando não produz e não contribui com o aumento do capital.

Souza (1994) conceitua a deficiência física como “uma disfunção ou interrupção dos movimentos de um ou mais membros: superiores, inferiores ou

ambos e conforme o grau do comprometimento ou tipo de acometimento fala-se em paralisia ou paresia”. Para Godói,

A deficiência física refere-se ao comprometimento do aparelho locomotor que compreende o sistema osteoarticular, o sistema muscular e o sistema nervoso. As doenças ou lesões que afetam quaisquer desses sistemas, isoladamente ou em conjunto, podem produzir quadros de limitações físicas de grau e gravidade variáveis, segundo o(s) segmento(s) corporal(is) afetado(s) e o tipo de lesão ocorrida. (2006, p.11).

No entanto, as deficiências físicas não interferem apenas no aspecto locomotor do ser humano, elas agem na própria subjetividade do sujeito causando problemas emocionais, psicológicos e pedagógicos de toda ordem, produzindo uma baixa autoestima.

Na escola, os indivíduos com deficiência física sofrem inúmeras discriminações e impedimentos de exercerem seus direitos fundamentais e sua cidadania. Dentre os obstáculos estão: as barreiras arquitetônicas, pedagógicas e de comunicação; a ausência de métodos e práticas de ensino escolar adequadas às diferenças e alternativas que contemplem as diversidades dos alunos; a falta de recursos e equipamentos, etc. Mas a questão cultural também é relevante. A escola, por introjetar e reproduzir os valores dominantes de beleza, cultura, cor, acaba por estigmatizar os diferentes, pois estes não se adequam aos padrões considerados normais. O desrespeito às diferenças, aos pluralismos possíveis não promove a aceitação e a convivência saudável com a alteridade.

Faz-se necessário que a família, a comunidade escolar e o próprio sujeito com deficiência física encarem a deficiência com naturalidade, não estigmatizando o portador da mesma, taxando-o de incapaz, mas promovendo um ambiente acolhedor e estimulante, oportunizando novos olhares sobre a deficiência física é necessário pensar a questão da diferença e da afetividade.

Para o antropólogo Claude Lévi-Strauss (*apud* GÓDOI, 2006, p. 13), as diferenças existem, devem ser reconhecidas, assumidas e não escondidas. Somos natural e biologicamente diferentes: nascemos branco, negro, amarelo, vermelho ou mestiço, homem ou mulher. Isso não quer dizer que necessariamente devamos ser desiguais. Diferença e desigualdade não são a mesma coisa. Pessoas com deficiências apresentam características que fogem do convencionalizado padrão de normalidade, mas devem ser consideradas com características individuais, pois são seres humanos com direitos, sentimentos, pensamentos e criatividade. Por exemplo, uma criança pode não ver, mas não tem dificuldades em orientar-se ou fazer música. Pode não aprender conteúdo específico do currículo, mas pode destacar-se em uma atividade esportiva. Pode não ouvir, mas escreve poesia.

Pela necessidade de construção de uma sociedade e escola mais democrática é que uma criança com deficiência deve ser totalmente inserida numa instituição regular de ensino e participar de todas atividades e ter possibilidade de se locomover por todos os ambientes escolares, sendo respeitada e tratada de forma a sentir-se acolhida e amada, além de merecer uma especial atenção daqueles que a cercam.

O primeiro contato da criança com o espaço físico da escola deve ser motivador, cativante, para que ela sintam-se acolhida, querida e amada .

Para Schirmer,

(...) o ambiente escolar é para qualquer criança o espaço por natureza de interação de uns com os outros. É nesse espaço que nos vemos motivados a estabelecer comunicação, a sentir a necessidade de se locomover, entre outras habilidades que nos fazem pertencer ao gênero humano. O aprendizado de habilidades ganha muito mais sentido quando a criança está imersa em um ambiente compartilhado que permite o convívio e a participação. A inclusão escolar é a oportunidade para que de fato a criança com deficiência física não esteja à parte, realizando atividades meramente condicionadas e sem sentido. (2007, p. 17).

Isso nos leva a repensar e reavaliar nossa prática pedagógica no âmbito da Educação Inclusiva, pois incluir o aluno deficiente não é simplesmente recebê-lo através de uma matrícula, mas atentar para as suas necessidades globais, próprias do ser humano, deficiente ou não. Além do mais, não basta apenas ter base legal, é necessário o preparo dos educadores para que fiquem atentos à diversidade, evitando rotulações, preconceitos e discriminações, garantindo a esses alunos, bem como aos demais, uma educação de qualidade, visando o desenvolvimento pleno do educando, que é garantido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Segundo o artigo 2º, “a educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Ainda dentro dos princípios pelos quais o ensino deverá ser ministrado, de acordo com o Art. 3º da LDB, destaco quatro:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância.

Além desses princípios garantidos por lei é importante se pensar que para a concretização da inclusão de portadores de deficiência física é necessário o desenvolvimento de atitudes positivas diante das suas limitações.

Por essas razões, há necessidade de desenvolver a auto-estima dos portadores de necessidades especiais, sendo a afetividade um elemento-chave para isso. A autoestima é um sentimento gerado pela avaliação subjetiva que uma pessoa faz de si mesma como sendo intrinsecamente positiva ou negativa em algum grau (SEDIKIDES & GREGG, 2003).

Segundo F. Potreck-Rose e G. Jacob (2006) existem quatro pilares da autoestima de acordo com uma abordagem psicoterapêutica para baixa autoestima:

1. Autoaceitação: uma postura positiva com relação a si mesmo como pessoa. Inclui elementos como estar satisfeito e de acordo consigo mesmo, respeito a si próprio, ser "um consigo mesmo" e se sentir em casa no próprio corpo;

2. Autoconfiança: uma postura positiva com relação às próprias capacidades e desempenho. Inclui as convicções de saber e conseguir fazer alguma coisa, de fazê-lo bem, de conseguir alcançar alguma coisa, de suportar as dificuldades e de poder prescindir de algo;

3. Competência social: é a experiência de ser capaz de fazer contatos. Inclui saber lidar com outras pessoas, sentir-se capaz de lidar com situações difíceis, ter reações flexíveis, conseguir sentir a ressonância social dos próprios atos, saber regular a distância-proximidade com outras pessoas;

4. Rede social: estar ligado em uma rede de relacionamentos positivos. Inclui uma relação satisfatória com o parceiro e com a família, ter amigos, poder contar com eles e estar à disposição deles, ser importante para outras pessoas”.

Basendo-me nos conceitos citados por F. Potreck-Rose e G. Jacob (2006), entendo que para o desenvolvimento global da criança deficiente, deve-se criar um ambiente propício para que a mesma sinta-se confiante para desenvolver todas as suas potencialidades e a partir daí aceitar-se como ser capaz de superar as dificuldades impostas pelas limitações que a deficiência lhe traz. Quando estiver bem consigo mesma poderá interagir com os demais de forma positiva, aperfeiçoando aspectos de sua personalidade, sentindo-se parte do ambiente no qual está inserida. Segundo Sawrey e Telford (1966),

[...] o professor não constrói a personalidade de seu aluno. Ele pode, sim, agir de modo a não agravar certas tendências do caráter de seu educando. Uma criança que possua auto-imagem excessivamente negativa, um jovem obcecado pela ordem e pela disciplina, um aluno que agride desmesuradamente as autoridades – para ficar em extremos – são exemplos de casos que muitas vezes obtêm a confirmação de suas tendências nas atitudes do professor. (1966, p. 37).

O aluno na verdade já vem com sua personalidade na bagagem fisiológica herdada de seus pais.

Portanto, a personalidade pode ter certos aspectos acentuados positivamente ou negativamente, dependendo da maneira como essa criança receberá os estímulos provenientes do ambiente e daqueles que o rodeiam. Para Miranda:

O ambiente físico nunca é neutro – ele emite, o tempo todo, mensagens para o ajudado. Essas mensagens tanto podem ser de cuidado e de interesse como de extremo descuido e desinteresse. Essa ausência de neutralidade não é exclusiva do ambiente de ajuda. Cada pessoa imprime suas características a tudo que faz, inclusive à maneira pela qual arranja o ambiente em que vive. (1989, p. 38). Sendo assim, a escola pode muito contribuir para o crescimento tanto cognitivo, quanto afetivo, emocional e psicológico dessa criança, ajudando a adquirir posturas positivas para o desenvolvimento gradual da autoestima de modo a tornar-se um indivíduo ativo, atuante, com capacidade para transformar problemas em oportunidades e conseqüentemente um vencedor.

A autoestima em alta é extremamente importante para o indivíduo deficiente, principalmente para a criança que se adapta facilmente às condições do ambiente de sua vivência.

A mente deve estar livre, pois a mesma é quem coordena as atitudes comportamentais do ser humano. Ribeiro, Lair (1993) diz que:

tudo que acontece no universo físico aconteceu primeiro na sua mente. Toda avaliação que você faz a seu respeito é uma predição de um comportamento que você está fazendo de si mesmo. Portanto, você tem um pensamento que gera em seu cérebro um sentimento, que gera em você um comportamento.

Daí, pode-se afirmar que o professor e a família devem incentivar a criança a cultivar pensamentos positivos, que gerem sentimentos da mesma natureza. Para Shinyashiki: “Toda criatura humana nasceu para crescer e vencer, para realizar-se como co-criadora, combatendo em si mesma as limitações e entraves.”

Por isso, a família deve oferecer segurança à criança com deficiência e a escola oferecer um ambiente aconchegante e acolhedor para que todas as possibilidades de vitória e crescimento sejam oportunizadas a ela. Porém, há de se lembrar que para um desenvolvimento pleno, é necessária a existência do conflito.

Wallon propõe estágios de desenvolvimento, assim como Piaget, porém, ele não é adepto da idéia de que a criança cresce de maneira linear. O desenvolvimento humano tem momentos de crise, isto é, uma criança ou um adulto não são capazes de se desenvolver sem conflitos. A criança se desenvolve com seus conflitos internos e, para ele, cada estágio estabelece uma forma específica de interação com o outro, é um desenvolvimento conflituoso.

Quando ocorre um conflito, haverá necessidade de análise, de busca de soluções e a partir daí a criança começa a desenvolver formas próprias de superação. Quando a mesma consegue, confiará mais em si mesma e requererá maior autonomia para resolver situações-problema. Desse momento em diante, a autoestima se desenvolverá de uma forma mais positiva, apesar da existência de tais conflitos, pois a criança conseguiu obter êxito em sua solução. Todavia, ao contrário, caso a criança não obtenha êxito, esse sentimento se desenvolverá de forma negativa, levando a criança a pensar que é incapaz. Para Barboza (2009)

autoestima é o julgamento ou avaliação que fazemos de nós mesmos, ou seja, a ideia que temos sobre o nosso valor e as nossas competências, sendo também um processo afetivo e decisivo para o desenvolvimento psicológico, social e intelectual.

Assim sendo, a ideia que a criança constrói no que diz respeito à sua capacidade vai influenciar na sua autoestima. Lembrando que uma interferência de um adulto, seja da família ou ambiente escolar, em forma de incentivo pode ser muito significativa para a criança.

Um outro ponto a se ressaltar, é a afetividade, que deve ser uma constante no ambiente escolar, principalmente quando se trata de alunos deficientes. A afetividade é o ponto chave para o desenvolvimento pleno das capacidades globais do aluno deficiente.

Krueger diz que na psicogenética de Henry Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento (LA TAILLE, 1992, p. 85). Para este pensador, a emoção ocupa o papel de mediadora. O processo de desenvolvimento infantil se realiza nas interações, que objetivam não só a satisfação das necessidades básicas, como também a construção de novas relações sociais, com o predomínio da emoção sobre as demais atividades. As interações emocionais devem se pautar pela qualidade, a fim de ampliar o horizonte da criança e levá-la a transcender sua subjetividade e inserir-se no social. Na concepção walloniana, tanto a emoção quanto a inteligência são importantes no processo de desenvolvimento da criança, de forma que o professor deve aprender a lidar com o estado emotivo da criança para melhor poder estimular seu crescimento individual. (1992, p.85).

Carneiro cita que “Para Piaget (*apud* OLIVEIRA, 1992), é nas vivências que a criança realiza com outras pessoas que ela supera a fase do egocentrismo, constrói a noção do eu e do outro como referência. A afetividade é considerada a energia que move as ações humanas, ou seja, sem afetividade não há interesse nem motivação.

I Inclusão: mais que uma luta, um ato de amor

O termo “inclusão” invadiu o discurso nacional recentemente, sendo usado amplamente, em diferentes contextos e com diferentes significados. Porém, a difusão desse discurso gerou, na maioria das vezes, um simples modismo, pois a inclusão escolar ainda é tratada de maneira superficial, se tornando vazia de significação social.

Entretanto, não se pode ignorar o longo e importante processo histórico que a produziu, configurado numa luta constante de diferentes minorias, na busca de defesa e garantia de seus direitos enquanto seres humanos e cidadãos. Ignorar tal processo implica na perda de compreensão de seu verdadeiro sentido e significado, fugindo de seu real objetivo.

A relação da sociedade com a parcela da população constituída pelas pessoas com deficiência física (e mesmo com outras deficiências) tem sido reconstruída no decorrer dos tempos, tanto no que se refere aos pressupostos filosóficos/históricos que a determinam e permeiam, como no conjunto de práticas nas quais ela se objetiva.

Porém, o discurso não tem essência em si mesmo se não for acompanhado de uma prática eficiente que transforme a realidade da qual ele trata. Por essa razão, é necessária a existência de um ambiente social planejado, que se constitua de experiências sólidas para a construção de uma Educação Inclusiva concreta, que trate os portadores de necessidades especiais como seres capazes de auto-superação, pois apesar de a deficiência impor alguns limites à liberdade de ação, ela não incapacita o sujeito a ser no mundo e a ter direito a afetividade, respeito, solidariedade e dignidade na sociedade a qual pertence.

Segundo Carvalho *apud* PEDRINELLI ,

(...) a atuação do profissional na situação de inclusão reflete uma atitude de não-rejeição, com trocas interativas entre colegas, com valorização da auto-imagem e autoestima; e uma atitude de não-segregação, apresentando dificuldade para promover trocas interativas. Não sendo assim, observamos que aquele profissional que não promove a inclusão apresenta uma atitude de dessegregação, considerando que por dificuldade/ou diferença de aprendizagem este aluno deveria estar em contextos segregados; e considera-se desprovido de conhecimento para atuar com a diversidade, não sabe como e o que fazer. (1994, p. 01),

A atuação do profissional da Educação de forma centrada e objetiva é de suma importância para o sucesso das relações interpessoais no ambiente escolar, principalmente entre os alunos fisicamente normais e os alunos deficientes. Sabe-se que para que haja aprendizado e boas relações é necessário que haja afeto. A afetividade é de grande importância em qualquer ambiente e uma pessoa que transmite afeto, transmite também segurança e confiança.

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. Afetividade está ligada à auto-estima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor-aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade (COSTA; SOUZA, 2006, p. 12).

Uma criança portadora de deficiência pode desenvolver sentimentos negativos em razão da mesma pelas limitações que ela impõe, pois não pode realizar movimentos que as outras crianças realizam com facilidade e isso pode acarretar uma baixa autoestima, levando essa criança a isolar-se, negando-se a participar das atividades propostas. Ao perceber isso, o educador deve estimulá-la.

É aí que entra a afetividade, começando pela família que terá um papel fundamental na inserção da criança ao grupo.

A afetividade, a princípio centrada nos complexos familiares, amplia sua escala à proporção da multiplicação das relações sociais, e os sentimentos morais [...] evoluem no sentido de um respeito mútuo e de sua reciprocidade, cujos efeitos de descentração em nossa sociedade são mais profundos e duráveis (PIAGET; INHELDER, 1990, p. 109 *apud* SILVA E SCHNEIDER).

Atividades bem estruturadas e direcionadas ao desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e emocional devem ser aplicadas ao grupo, como forma de aproximação entre as crianças portadoras e não portadoras de deficiência física. O educador deve conduzi-las de forma a despertar a consciência de que todos, apesar das diferenças tem sua importância na sociedade na qual estão inseridos e que essas diferenças não devem interferir nas relações interpessoais de forma a denegrir a imagem daquele que é diferente.

Conforme Vygotsky (2003) *apud* Silva e Schneider, “em psicologia, os afetos se classificam em positivos e negativos. Os afetos positivos estão relacionados a emoções positivas de alta energia, como o entusiasmo e a excitação, e de baixa energia, como a calma e a tranquilidade. Os afetos negativos, por sua vez, estão ligados às emoções negativas, como a ansiedade, a raiva, a culpa e a tristeza. Embora a Psicologia tradicional trate cognição e afetividade de modo separado, as emoções e os sentimentos dos alunos não se dissociam no processo ensino-aprendizagem, já que podem favorecer ou não o desenvolvimento cognitivo.” E as autoras também dizem que “O desenvolvimento afetivo depende, dentre outros fatores, da qualidade dos estímulos do ambiente para que satisfaçam as necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina e comunicação, pois é nessas situações que a criança estabelece vínculos com outras pessoas”.

Enfim, o ambiente influencia de várias formas o comportamento de quem vive nele, por isso, o mesmo deve ser provido de afetividade, que é essencial para a

construção de sentimentos positivos como a autoestima, a segurança, a confiança, o amor, a amizade, compreensão, aceitação das diferenças, entre outros, que influenciarão diretamente na aprendizagem e no desenvolvimento global do aluno deficiente.

Quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. [...] A vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral. (VYGOTSKY *apud* SILVA E SCHNEIDER, 1993. p. 84).

II – OBJETIVOS

Compreensão x prática: o caminho para o alcance de resultados

2.1. OBJETIVO GERAL

Compreender a importância do desenvolvimento da autoestima no processo de inclusão escolar do portador de deficiência física.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Analisar os conceitos relativos à capacidade de aprendizagem de crianças com deficiência física, como consequência de uma baixa autoestima;
- b) Compreender a construção histórica da exclusão das pessoas com deficiências físicas e como estas interferem ainda hoje no tratamento exclusivo desses indivíduos na sociedade e na escola.
- c) Promover possibilidades de preparação dos profissionais da educação e dos familiares, visando um melhor entendimento das potencialidades e dificuldades do processo de escolarização de uma criança com deficiência física.

III Construindo os caminhos da pesquisa

3.1 Fundamentação Teórica da Metodologia

A metodologia é uma ferramenta de fundamental importância para a construção de quaisquer processos de pesquisa, independente da área a que se destinam.

Existem vários tipos de metodologia para a realização de uma pesquisa, porém nos ateremos à metodologia qualitativa.

Antes de tudo, Martins (2004, p. 291), diz em seu artigo que “a metodologia é, pois, uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica.” Para tanto, há uma necessidade exaustiva de se analisar os dados obtidos para que ocorra uma aproximação mais específica da realidade. Pois essa é a parte mais complexa da pesquisa.

A maior dificuldade da disciplina de métodos e técnicas de pesquisa está na dificuldade de ensinar como se analisa os dados — isto é, como se atribui a eles significados — sendo mais fácil ensinar a coletá-los ou a realizar trabalho de campo.

(MARTINS, 2004, p. 292)

Campos cita a contribuição de dois autores na definição de método (*apud* LAKATOS & MARCONI, 2001) “como um conjunto de atividades sistemáticas e racionais que favorecem o alcance de objetivos, traçando o caminho a ser trilhado, detectando possíveis erros e auxiliando na tomada de decisões do pesquisador.”

Para Campos (2001)

“A pesquisa qualitativa é predominantemente descritiva. Os dados coletados são mais uma forma de palavras ou figuras do que números. Estes dados incluem entrevistas transcritas, notas de campo, fotografias, produções pessoais, depoimentos ou outra forma de documento.”

Além do mais,

“pesquisa qualitativa é multimetodológica quanto ao seu foco, envolvendo abordagens interpretativas e naturalísticas dos assuntos. Isto significa que o pesquisador qualitativo estuda coisas em seu ambiente natural, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos, segundo o significado que as pessoas lhe atribuem” (DENZIN & LINCOLN, 1994, p.2).

E dentro da pesquisa qualitativa, foi escolhido o estudo de caso por oferecer melhores condições de observação e análise, como diz Rodrigo:

É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico. (2008, p.3)

E além do mais, concordo com o autor quando mesmo diz que: “O Estudo de caso é um dos tipos de pesquisa qualitativa que vem conquistando crescente aceitação na área da educação”. (RODRIGO, 2008:03)

Para esta pesquisa foram utilizados questionários e fotografias, no intuito de auxiliar na construção dos dados. Apesar de serem dados subjetivos, os mesmos acompanhados de uma atenta e criteriosa observação por parte do pesquisador, fornecerão subsídios para a conclusão da pesquisa. Foram aplicados questionários aos pais das crianças deficientes físicas que estudam em uma escola regular da rede pública de Educação Infantil da cidade de Ipatinga em Minas Gerais – Centro de Educação Infantil Mãe Dolores, bem como aos professores e aos coordenadores desses alunos, que serão convidados a participar da mesma.

O questionário para os pais conteve questões fechadas e abertas sobre deficiência e autoestima e foram aplicados individualmente, mantendo-se o anonimato dos participantes. Para os professores e coordenadores, foram direcionadas questões abertas, no intuito de levar à uma reflexão sobre o fazer pedagógico voltado para alunos deficientes físicos e para a importância da valorização da autoestima.

Foram feitas ainda observações de campo com registro escrito e fotográfico do dia-a-dia escolar das crianças com deficiência física acompanhadas nesta pesquisa.

3.2 Contexto da Pesquisa

A pesquisa será realizada em um Centro de Educação Infantil da rede pública na cidade de Ipatinga/MG.

A instituição atende crianças a partir dos 4 meses até 5 anos de idade em tempo integral (período de 10 horas), a maior parte são de famílias de baixa renda, cujas mães precisam trabalhar para complementar a renda.

Tem um espaço amplo, com capacidade para atender 90 crianças, possuindo áreas como parquinho, piscina, jardim, pátio, sala de vídeo, refeitório, banheiros, espaços imprescindíveis para o bom atendimento, inclusive contendo rampas de acesso para alunos com dificuldades de locomoção, porém, necessita de algumas adaptações como, por exemplo, barras de apoio nos banheiros.

A instituição tem enfrentado sempre o desafio de receber em seu corpo discente crianças portadoras de necessidades especiais, motivo pelo qual a reflexão sobre este tema tem sido constante, levando a buscas de soluções como adequação do espaço e aquisição de materiais que auxiliam no desenvolvimento dessas crianças, para transpor os obstáculos decorrentes, bem como para proporcionar aos educandos uma formação adequada, levando-os a enfrentar os desafios do seu cotidiano com uma aceitação positiva de suas limitações, desenvolvendo sua autoestima e sua autonomia.

3.3 Participantes

Participaram da pesquisa 10 alunos de 2 anos de idade, além de 3 professoras possuindo pós-graduação em Educação Infantil, 1 coordenadora pós-graduada em Educação Infantil, 1 mãe e uma criança deficiente física com 2 (dois) anos de idade.

3.4 Materiais

Os materiais utilizados para a realização da pesquisa foram caneta e papel para anotar as observações feitas durante a mesma, uma máquina fotográfica para registrar os momentos mais relevantes que me melhor ilustrem as etapas das observações realizadas, além de questionários para coletar dados a respeito da opinião das pessoas que têm contato com a criança deficiente física dentro do contexto da Educação, incluindo a família.

3.5 Instrumentos de Construção de Dados

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram aplicados questionários (ver anexos) à mãe da criança deficiente física que estuda em uma escola regular da rede pública de Educação Infantil da cidade de Ipatinga em Minas Gerais – Centro de Educação Infantil Mãe Dolores, bem como aos professores e à coordenadora desses alunos. As respostas dessa mãe não aparecem nas análises pelo fato de ter sido aplicado questionário fechado, que não entra na análise quando se trata de uma pesquisa qualitativa, porém, o mesmo foi de grande relevância para a obtenção de uma visão sobre a influência da família na questão da autoestima da criança.

O questionário para a mãe contém questões fechadas sobre deficiência e autoestima e foi aplicado individualmente, mantendo-se o anonimato da participante. Para os professores e coordenadores, foram direcionadas questões abertas, no intuito de se proporcionar uma reflexão sobre o fazer pedagógico voltado para alunos deficientes físicos e para a importância da valorização da autoestima.

Serão feitas ainda observações de campo com registro escrito e fotográfico do dia-a-dia escolar das crianças com deficiência física acompanhadas nesta pesquisa.

Os dados coletados foram analisados a partir de gráficos e porcentagens simples e compreendidos a partir do diálogo com as teorias e autores que trabalham com inclusão de deficientes físicos com foco na análise da autoestima.

Enfim, os trabalhos resultantes dessa investigação serão apresentados e debatidos na escola observada a fim de construirmos juntos uma nova proposta de ensino, pautada na inclusão, de forma a valorizar os sentimentos dos deficientes físicos, auxiliando-os a encarar positivamente os conflitos internos e externos provocados em razão da deficiência que possuem, ajudando-os a superar os obstáculos, realizando-se pessoalmente, afetivamente, cognitivamente e profissionalmente.

3.6 Procedimentos de Construção de Dados

Para a realização da pesquisa, foi escolhido um Centro de Educação Infantil, no município de Ipatinga por pelos motivos de ser uma instituição na qual eu trabalho e por haver matriculada na mesma uma criança deficiente física, além de ser uma instituição que se preocupa com a inclusão e procura atender da melhor maneira as crianças especiais que nela são matriculadas, buscando subsídios nos referenciais curriculares e em livros que discorrem sobre o tema.

Os profissionais e a turma foram escolhidos devido ao fato de estarem diretamente ligados à criança citada, pois convivem diariamente com a mesma, partilhando um pouco de suas vivências nesse ambiente de aprendizagem não só de alfabetização, mas de uma leitura da própria vida, auxiliando na construção de seres capazes de escrever a própria história.

Os participantes foram gentilmente convidados a participar da pesquisa, diante do fato de que são meus colegas de trabalho, além de possuírem os mesmos ideais na busca de soluções criativas para os problemas surgidos no decorrer do processo ensino-aprendizagem, no intuito de oferecer uma educação de qualidade e meios dignos para a realização do fazer pedagógico, concretizando assim ações que

contribuam para o alcance das metas propostas, buscando atualizações contínuas e inovações que contribuam para a melhoria na educação como um todo.

Para tal, foram utilizados questionários com a finalidade de auxiliar no processo desvelar a realidade deste contexto específico, onde foi observada a relação entre a coerência das respostas e o trabalho realizado.

O questionário é um instrumento de coleta de dados de suma importância em um trabalho científico. Segundo Chagas, (*apud* Parasuraman, 1991, p.10),

“um questionário é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora o mesmo autor afirme que nem todos os projetos de pesquisa utilizam essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais.”

Em seguida foi realizada uma observação com registro iconográfico (fotografia), onde várias atividades foram realizadas com o objetivo de promover uma maior interação entre as crianças. Algumas atividades eram direcionadas para o desenvolvimento do lado afetivo com foco na autoestima.

Figura 1 – Autonomia para se vestir



Neste caso, a aluna deficiente física se veste sozinha para participar de uma apresentação.

Observou-se uma grande satisfação por parte da estudante na realização da atividade, devido às limitações ocasionadas pela deficiência.

Figura 2 Interatividade no faz-de-conta



Em interação com os coleguinhas, a aluna em questão manipula objetos de uso cotidiano no jogo do faz-de-conta, onde a mesma exerceu o papel de “mãe”. Este fato auxilia no desenvolvimento da autoestima, pois oportuniza a prática de papéis onde a afetividade se faz presente em uma relação de cuidado e amor.

Figura 3 Um show de apresentação!



Na figura 3, a aluna com a educadora e os coleguinhas após uma apresentação teatral, demonstrando imensa satisfação pelo êxito obtido na realização do seu papel.

'Figura 4 Comunicando-se no faz-de-conta



Nesta foto, a atividade desenvolvida trabalha a capacidade de comunicação, com o objetivo de levar a criança a perceber que a relação interpessoal se dá de várias formas, neste caso, a verbal, além de levá-la a inferir que a sua deficiência não é um obstáculo para que se relacione com outras pessoas.

No caso observado percebeu-se bons níveis de interação e entrosamento entre as crianças não-deficientes e a criança deficiente física. Há um cuidado particularmente grande dos mesmos para com as limitações dela, além de haver uma grande cooperatividade entre todos, em busca de um objetivo comum: manter a colega protegida e acolhida. Não foi observada rejeição por parte dos colegas em relação à deficiência em si. Às vezes, os desentendimentos são em decorrência de divergência de ideias e em nenhum momento foi observada discriminação pelo fato da colega ser deficiente física.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados contribuíram sobremaneira para o êxito da pesquisa, pois possibilitam uma análise comparativa dos fatos com a teoria anteriormente pesquisada, auxiliando na compreensão do processo e consequentemente na aquisição de um novo olhar, com focos mais específicos e estruturados para a construção de novos caminhos no intuito de oferecer uma melhor qualidade na Educação Inclusiva.

2.7 Procedimentos de Análise de Dados

Os dados da presente pesquisa foram coletados no decorrer de dois dias de observações, num total de 16 horas. Foi observado um grupo de crianças, dentre as quais uma deficiente física, em momentos de recreação livre, apresentação de número artístico e atividade de manipulação de objetos, de forma coletiva e individual.

As observações tiveram durações de tempo variadas, de acordo com a rotina estabelecida pela instituição, podendo ser de 40 a 90 minutos.

Nas observações coletivas, focava-se a interação do grupo com a aluna deficiente, o modo como o mesmo encarava a diferença e as dificuldades da colega. Já na observação individual, o foco era como a própria criança deficiente se sentia diante do grupo e a maneira como lidava com as dificuldades e limitações que surgiam no decorrer de cada atividade.

O principal objetivo era de avaliar como as atividades trabalhadas influenciavam no desenvolvimento da autoestima, se refletiam de forma positiva ou

negativa, se estimulavam ou não a criança a superar os obstáculos decorrentes das limitações que a deficiência física impunha.

A análise foi feita a partir da observação das crianças, do ambiente, das atividades aplicadas, das respostas obtidas nos questionários, comparando-as aos episódios observados e da reação da criança deficiente e de seus colegas diante das variadas situações vividas dentro do contexto escolar, onde foram registradas através de fotografias, momentos considerados relevantes para ilustrar a descrição de alguma atividade.

Quadro 01 – Sínteses das respostas das professoras, quanto à pergunta: O indivíduo portador de alguma deficiência será menos limitado pela deficiência que pela atitude da sociedade em relação à deficiência? Justifique a sua resposta

P1	Não respondeu.
P2	Sim. Pois o deficiente aprende a viver com seus limites superando-os de alguma forma [...] ele será menos limitado pela deficiência do que pela atitude da sociedade que com seus padrões, rótulos, pré-conceitos, tentará fazê-lo acreditar que é mais limitado e por isso menos capaz do que o outro sem qualquer deficiência.
P3	A deficiência é assinalada e fomentada pela atitude da sociedade em relação à sua deficiência, e muitas vezes resistente quando se trata de lidar com as diferenças, limitando suas possibilidades.
P4	Sim. Deficiência não significa incapacidade. Independente da deficiência do indivíduo, ele sempre poderá desenvolver-se bem em outras linguagens, que não seja a afetada pela deficiência. Ex: um deficiente físico tem comprometimento na linguagem corporal, porém poderá desenvolver-se bem na linguagem lógico-matemática, plástica, oral... a sociedade é que ainda limita esse indivíduo, definindo-o como incapaz.

Fonte: Entrevista realizada com professoras da Educação Infantil da rede pública – Ipatinga/MG

Quadro 01a – Distribuição das respostas das professoras agrupadas por categorias.

MOTIVOS EXPLICITADOS
<i>RELACIONADOS À LIMITAÇÃO DA DEFICIÊNCIA</i> 1. Será menos limitado por ela. 2. Deficiência não significa incapacidade. 3. É assinalada e fomentada pela atitude da sociedade.
<i>RELACIONADOS À INDIVIDUALIZAÇÃO/APRENDIZAGEM</i> 4. Um deficiente físico tem comprometimento na linguagem corporal, mas poderá desenvolver-se bem na linguagem lógico-matemática, plástica, oral... 5. O deficiente aprende a viver com seus limites.
<i>RELACIONADOS À SOCIEDADE</i> 6. Ele será menos limitado pela deficiência do que pela sociedade com seus padrões, rótulos, pré-conceitos, tentará fazê-lo acreditar que é mais limitado. É ela quem limita-o definindo-o como incapaz. 7. Em relação à deficiência é resistente quando se trata de lidar com as diferenças, limitando as possibilidades do deficiente.
<i>RELACIONADOS AO INDIVÍDUO DEFICIENTE</i> 8. Aprende a viver com seus limites, superando-os de alguma forma. 9. Desenvolve-se bem em linguagens não afetadas pela deficiência.

Fonte: Entrevista realizada com professoras da Educação Infantil da rede pública – Ipatinga/MG

De forma geral, as professoras não veem na deficiência uma limitação para o aprendizado global da criança. A deficiência limita apenas o membro que está comprometido pela mesma e conseqüentemente alguns movimentos que dependem desse membro para serem realizados. Eles são capazes de aprender outras linguagens e desenvolver-se bem nas mesmas.

Vê-se que a sociedade é que ainda precisa evoluir na questão da aceitação das diferenças, não ‘rotulando’ os indivíduos deficientes.

De acordo com TELFORD (1978 p. 55) “todas as atividades que visam o desenvolvimento global do indivíduo vão refletir direta ou indiretamente na sua capacitação para uma vida independente, produtiva e integrada socialmente.”

Portanto, cabe a todos os interessados (professores, coordenadores, pais e outros) a união de esforços na busca de meios que garantam ao deficiente físico a oportunidade de inserção nas instituições que promovem a capacitação para essa vida “independente, produtiva e integrada sociedade.” E que essa inserção seja verdadeiramente inclusiva, onde essas limitações não sejam vistas como

incapacidade e que o deficiente seja respeitado, sem ser visto como um coitadinho que necessita da nossa piedade.

Quadro 02 – Sínteses das respostas das professoras, quanto à pergunta: Se chegasse hoje na Instituição uma criança deficiente com autoestima muito baixa, quais seriam as suas ações para amenizar o problema?

P1	Tratar da mesma forma, respeitando suas limitações. Conversar com os demais para respeitá-lo, incluindo-o nos momentos de brincadeiras e atividades, onde possam perceber as diferenças e melhor lidar com elas.
P2	Agiria de forma natural a fim de demonstrá-la que é igual às outras crianças (tem os mesmos direitos e deveres) e trabalharia com o grupo o apoio e o incentivo à mesma.
P3	Cabe não só a mim, mas como toda à escola, contribuir para que não seja discriminada e possa aprender com os demais. Para isso, é necessário acolher essa criança e conhecer melhor sua deficiência, com o objetivo de atender suas necessidades específicas, incentivando-a e mostrando a ela que é capaz, como as outras crianças.
P4	Acredito que como pedagoga poderia precisar do auxílio dos de outros especialistas, mas dentro da escola, desenvolveria um trabalho institucional de conscientização dos demais para o respeito às diferenças como forma de reintegrá-lo ao convívio social.

Fonte: Entrevista realizada com professoras da Educação Infantil da rede pública – Ipatinga/MG

Quadro 01a – Distribuição das respostas das professoras agrupadas por categorias.

MOTIVOS EXPLICITADOS	
<i>RELACIONADOS À AUTOESTIMA</i>	
10.	Incluí-lo nos momentos de brincadeiras e atividades, respeitar suas limitações.
11.	Mostrar a ela que é igual às outras crianças, com os mesmos direitos e deveres.
12.	Incentivá-la e mostrá-la que é tão capaz quanto as outras crianças.
13.	Reintegrá-la ao convívio social partindo do ato de respeitar as suas diferenças.
<i>RELACIONADOS ÀS SUAS AÇÕES</i>	
14.	Tratar da mesma forma, respeitar suas limitações, conversar com os demais.
15.	Agiria de forma natural, trabalhando com o grupo o apoio e o incentivo à mesma.
16.	Acolher a criança e conhecer melhor a sua deficiência.
17.	Buscaria ajuda de outros especialistas e desenvolveria um trabalho institucional de conscientização dos demais para o respeito às diferenças.
<i>RELACIONADOS ÀS OUTRAS CRIANÇAS</i>	
18.	Incentivariam o respeito às diferenças.

Fonte: Entrevista realizada com professoras da Educação Infantil da rede pública – Ipatinga/MG.

As respostas mostram uma preocupação com a inserção da criança mediante a conscientização e incentivo ao respeito a essas diferenças, porém percebe-se que a afetividade foi relegada a segundo plano.

Há necessidade de desenvolver a auto-estima dos portadores de necessidades especiais, sendo a afetividade um elemento-chave para isso. A autoestima é um sentimento gerado pela avaliação subjetiva que uma pessoa faz de si mesma como sendo intrinsecamente positiva ou negativa em algum grau (SEDIKIDES & GREGG *apud* Portocarrero, 2007, p.46).

Vê-se que em nenhuma resposta não houve a priorização da afetividade como 'elemento-chave' para ajudar à criança na superação da baixa autoestima. É claro que em sua subjetividade, percebe-se que não existe respeito onde não há afetividade. Um está ligado ao outro e vice-versa, porém o que se questiona aqui é que em nenhum momento foi feita uma referência a esse quesito tão essencial para o desenvolvimento da autostima.

Quadro 03 – Sínteses das respostas das professoras, quanto ao fato de concordar ou não com a seguinte afirmativa e por quê: De uma forma geral a deficiência significa limites de ação e expansão pessoais e, conseqüentemente, pode acabar por segregar o indivíduo do convívio social afastando-o das oportunidades normais de realização (pessoal, profissional, social, afetiva, etc.).

P1	Não. Porque as empresas oferecem oportunidades (porque são obrigadas), mas muitas vezes o indivíduo não se qualifica, o que na maioria das vezes depende do meio em que está inserido.
P2	Sim, mas somente para aqueles que acreditam nisso. Para os que receberam amor e incentivo, a diferença não se torna sinônimo de limite, que é capaz de segregar ou impedir realizações pessoais.
P3	Sim. A sociedade é preconceituosa e faz com que a maioria das pessoas com deficiência se sintam discriminadas, até mesmo pelos familiares e, por isso, acabam se convencendo que são incapazes.
P4	Sim. Porque muitas vezes o próprio indivíduo portador de deficiência se exclui do convívio social e se convence que é um incapaz pela forma como percebe a opinião da sociedade em geral, na sua maioria.

Fonte: Entrevista realizada com professoras da Educação Infantil da rede pública – Ipatinga/MG

Quadro 03a – Distribuição das respostas das professoras agrupadas por categorias.

MOTIVOS EXPLICITADOS	
<i>RELACIONADOS À SEGREGAÇÃO DO INDIVÍDUO DEFICIENTE FÍSICO</i>	
19.	O indivíduo é que não se qualifica, pois as empresas oferecem oportunidades ainda que obrigadas.
20.	A falta de amor e incentivo é que acabam por segregar por fazer a diferença limitar a pessoa.
21.	A sociedade preconceituosa é que segrega.
22.	O próprio deficiente se auto-segrega devido à forma como percebe a opinião da sociedade.
<i>RELACIONADOS ÀS OPORTUNIDADES NORMAIS DE REALIZAÇÃO EM VÁRIAS ÁREAS</i>	
23.	Depende do meio em que ele está inserido.
24.	Depende do amor e incentivo que recebem.
25.	Depende da inexistência de preconceito por parte da sociedade.
26.	Depende da forma como o próprio deficiente se percebe diante da sociedade.
<i>RELACIONADOS AOS LIMITES IMPOSTOS PELA DEFICIÊNCIA</i>	
27.	A diferença não é sinônimo de limite no meio em que há amor e incentivo.
28.	Dependendo de como o deficiente percebe a opinião da sociedade, esses limites o tornam incapaz.
29.	O próprio deficiente se limita.

Fonte: Entrevista realizada com professoras da Educação Infantil da rede pública – Ipatinga/MG.

Entre as quatro professoras que responderam ao questionário, apenas uma não concordou com a afirmativa se apoiando na obrigatoriedade das empresas em contratarem deficientes físicos e que na maioria das vezes o que tira essa oportunidade é a falta de qualificação por parte do deficiente.

Já entre as demais, apesar de concordarem com a afirmativa, divergiram em alguns pontos como a falta de amor e incentivo, a sociedade e o próprio deficiente.

Contudo, cabe ressaltar aqui que o fato de as empresas serem obrigadas a contratar deficientes, não é um indicativo que as mesmas não segregam esse indivíduo. Aliás, só o fato de serem obrigadas a fazê-lo, já é um sinal de segregação. Isso denota falta de amor e incentivo, que são essenciais para a inserção do deficiente físico na sociedade ou em qualquer meio no qual ele conviva. Muitas vezes, o próprio deficiente pode segregar-se quando não consegue livrar-se das mazelas impostas pelo meio, principalmente quando é abandonado à própria sorte por aqueles que deveriam ser o seu 'porto seguro': a família. Sem apoio, o mesmo acaba por desenvolver uma baixa autoestima e conseqüentemente se deprimir e essa depressão acaba por levá-lo à auto-segregação.

Werebe, (1984, p.49) diz que “as pessoas com características físicas inabituais encontram, mais do que as outras, dificuldades (maiores ou menores, segundo suas deficiências) para levar uma vida “normal”. São vítimas da intolerância em relação à diferença.

E é justamente essa intolerância que segrega. O que se vê normalmente é uma pseudo-aceitação por parte da sociedade, pois não existe uma mobilização em massa em prol da inclusão. Ressalta-se que há muita divergência e obscuridade em torno deste assunto.

As próprias educadoras (em uma análise das entrelinhas) se sentem despreparadas para assumir uma responsabilidade tão grande. “Buscaria ajuda de outros especialistas”. (Professor 4). Dessa forma, conclui-se que ainda há muito por se fazer para a efetivação da inclusão de fato.

IV RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma geral os resultados foram positivos, pois a partir dos questionamentos feitos, percebe-se uma grande conscientização e aceitação de uma educação inclusiva no âmbito do Ensino Regular.

O professor regente cuja turma possui alunos com deficiência enfatiza que há necessidade de um maior e melhor preparo dos profissionais para lidar com o advento da inclusão e que há necessidade de políticas públicas com o objetivo de melhorar a qualidade no atendimento ao público com necessidades especiais.

Os pais anseiam por uma maior agilidade por parte dos órgãos públicos no que se refere ao atendimento dos indivíduos portadores de deficiência física e outras, pois há uma morosidade nesse atendimento e falta de profissionais especializados para a realização dos trabalhos.

E quando o assunto é interação social e relações interpessoais, todos concordam (teóricos e entrevistados in loco) que as crianças deficientes físicas necessitam do convívio social para desenvolver a autoestima de maneira a atingir o ápice de suas potencialidades e capacidades, além de poderem contribuir com a diversidade no ambiente escolar regular.

No caso observado percebeu-se bons níveis de interação e entrosamento entre as crianças não-deficientes e a criança deficiente física. Há um cuidado particularmente grande dos mesmos para com as limitações dela, além de haver uma grande cooperatividade entre todos, em busca de um objetivo comum: manter a colega protegida e acolhida. Não foi observada rejeição por parte dos colegas em relação à deficiência em si. Às vezes, os desentendimentos são em decorrência de divergência de ideias e em nenhum momento foi observada discriminação pelo fato da colega ser deficiente físico.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados contribuíram sobremaneira para o êxito da pesquisa, pois possibilitam uma análise comparativa dos fatos com a teoria anteriormente pesquisada, auxiliando na compreensão do processo e consequentemente na aquisição de um novo olhar, com focos mais específicos e estruturados para a construção de novos caminhos no intuito de oferecer uma melhor qualidade na Educação Inclusiva.

4.1 Discussão teórica dos resultados

Durante toda a pesquisa, o foco foi a autoestima de uma criança deficiente física e as influências do meio na valorização ou desvalorização das potencialidades que um deficiente físico possui, independente de suas limitações.

Para o antropólogo Claude Lévi-Strauss (*apud* Gódoi, 2006, p. 13), as diferenças existem, devem ser reconhecidas, assumidas e não escondidas. Somos natural e biologicamente diferentes: nascemos branco, negro, amarelo, vermelho ou mestiço, homem ou mulher. Isso não quer dizer que necessariamente devamos ser desiguais.

A Proposta Pedagógica Municipal em toda a sua amplitude contempla essa diversidade, que foi observada na pesquisa e percebeu-se que a mesma é trabalhada dentro de um contexto de aceitação do diferente, independente de sua origem.

Foi observada uma aceitação mais positiva em relação à deficiência física, de modo que ao mesmo tempo em que há o reconhecimento das limitações que a deficiência impõe, há também o reconhecimento do potencial que ultrapassa essa barreira imposta e que vai além da mesma, contemplando outras qualidades existentes no ser no âmbito de sua totalidade.

Para Schirmer, (...) o ambiente escolar é para qualquer criança o espaço por natureza de interação de uns com os outros. (2007, p.17) e nesse ambiente a criança observada interage constantemente com os colegas e os profissionais que a rodeiam. Nesse ambiente ela se encontra, se conflita, se desencontra e se encontra novamente. Está em constante desenvolvimento e reconstrói a cada instante a sua própria visão de mundo.

Miranda diz que O ambiente físico nunca é neutro – ele emite, o tempo todo, mensagens para o ajudado. Essas mensagens tanto podem ser de cuidado e de interesse como de extremo descuido e desinteresse. Essa ausência de neutralidade não é exclusiva do ambiente de ajuda. Cada pessoa imprime suas características a tudo que faz, inclusive à maneira pela qual arranja o ambiente em que vive. (1989, p. 38).

A partir do ambiente observado pôde-se inferir que o mesmo no âmbito do Ensino Regular tem emitido mensagens positivas, de afeto, de esperança, de aprendizado, contribuindo assim para a formação global desse ser que traz

juntamente consigo uma bagagem cultural, emocional, psicológica e afetiva do seu ambiente de origem, que é o referencial dessa criança que no caso analisado encontra no ambiente de origem um apoio constante para que possa se desenvolver em sua totalidade. Apesar de encararem com dificuldade a deficiência da filha, procuram apostar na afetividade, buscando todas as oportunidades possíveis que auxiliem no crescimento da mesma. Daí, percebe-se, que a família busca soluções que melhorem a qualidade de vida da criança e assim, desenvolve e cresce junto com a mesma.

Vygotsky (1998), afirma que o ser humano se constrói nas suas relações e trocas com o outro e que é a qualidade dessas experiências interpessoais e de relacionamento que determinam o seu desenvolvimento, inclusive afetivo, enquanto Wallon (*apud* LA TAILLE, 1992, p. 90) sustenta que, “no início da vida, afetividade e inteligência estão sincreticamente misturadas, com predomínio da primeira”.

E essa afetividade, quando estendida ao ambiente da escola, vai apenas somar, acrescentar novas bagagens à vida dessa criança. É o que acontece no caso observado, pois as crianças e a educadora, além dos demais funcionários da entidade, acolhem essa criança ao mesmo tempo em que lhe dão autonomia para realizar variadas tarefas pertinentes ao cotidiano da família e da escola. E essas atitudes conjuntas contribuem para o desenvolvimento da autoestima dessa criança, ajudando-a a se reconhecer como um ser pertencente a esse mundo, pertencente ao grupo e que contribui, age, interage, relaciona, opina, critica, constrói, enfim, contribui para algum fato do dia-a-dia.

Em um confronto da pesquisa empírica com a pesquisa teórica, pode-se observar que há um consenso no fato de que a inclusão da criança deficiente física no Ensino Regular faz-se necessária não somente para a interação social, mas também para a auto-aceitação da criança como um indivíduo que pode fazer a diferença no mundo em que vive.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo da presente pesquisa foi compreender a importância do desenvolvimento da autoestima no processo de inclusão escolar do portador de deficiência física e pretendeu responder a questões pertinentes à efetivação das conquistas adquiridas no percurso das lutas por igualdade de direitos entre deficientes e não deficientes. E ainda teve por finalidade apontar caminhos para a realização do trabalho com deficientes físicos no âmbito do ensino regular, além de contribuir para a melhoria do ensino preparatório dos docentes para que sintam mais segurança no trabalho com mais esse item da diversidade que se faz presente em todos os segmentos da sociedade, principalmente na educação.

No caso observado em comparação com os autores estudados comprovou-se que uma criança deficiente física tem a possibilidade de vencer os obstáculos decorrentes de problemas afetivos, desde que devidamente acompanhada e estimulada a buscar seus próprios caminhos e a realização de um trabalho bem estruturado, com atividades que desenvolvam a autoestima.

O trabalho foi de suma importância para esclarecer pontos obscuros da inclusão de deficientes físicos no Ensino Regular, como por exemplo, o fato de que a deficiência não se constitui um obstáculo para que a criança interaja com os colegas não deficientes. Ainda que a deficiência limite o indivíduo em alguns movimentos, a mesma não afeta o aprendizado e as relações interpessoais. Aliás, oportuniza o convívio e a integração da diferença, onde ocorre a compreensão por parte dos alunos não deficientes que uma pessoa portadora de qualquer deficiência física é capaz de aprender, se superar e fazer a diferença no mundo em que vive.

Que no futuro, em novas pesquisas, haja uma preocupação com o cumprimento do que já está garantido por leis ou decretos, que se estudem a aplicação das leis na realidade da Educação Inclusiva. Que sejam feitas indagações aos responsáveis pelas instituições públicas que lidam com a educação. Que se busquem respostas para o fato de um número tão pequeno de deficientes se matricularem em instituições de ensino. Que se pesquisem os cursos preparatórios para capacitação de profissionais realmente aptos para lidar com a inclusão.

Os resultados mostram que muito há que se fazer ainda no âmbito da Educação Inclusiva. Aqui apenas foram apontados alguns itens que não constituem uma fórmula a ser seguida e sim fornece subsídios para uma reflexão sobre o tema.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, L. T. M. *et al.* Conceituando deficiência. *Revista de Saúde Pública*, v. 34, n.1, 2000.

ARANHA, M. S. F. (1995). *Integração Social do Deficiente: Análise Conceitual e Metodológica. Temas em Psicologia*, n. 2, p. 63-70.

BARBOZA, ANA LÚCIA ALVES E OUTROS: *Saúde - soc.* vol.18 supl.1 São Paulo: Jan./Mar. 2009. Disponível em www.Scielo.br Acesso em: 07/01/2011

CAMPOS, Claudinei José Gomes - Metodologia qualitativa e método clínico-qualitativo: um panorama geral de seus conceitos e fundamentos. Disponível em: www.sepq.org.br Acesso em 07/01/2011 às 20:49.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston - O QUESTIONÁRIO NA PESQUISA CIENTÍFICA Disponível em: www.fecap.br. Acesso em: 03/01/2011.

CARNEIRO E SILVA, Jamile Beatriz e **Schneider**, Ernani José - *Aspectos Socioafetivos Do Processo De Ensino E Aprendizagem*. Disponível em www.miniweb.com.br

CUNHA, Marcus Vinícius da: *Psicologia da Educação*/ Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COSTA, Keyla Soares da; **SOUZA**, Keila Melo de. *O aspecto sócio-afetivo no processo ensino-aprendizagem na visão de Piaget, Vygotsky e Wallon*. Disponível em: < http://www.educacaoonline.pro.br/art_o_aspecto_socioafetivo.

GALASSO, Roberta I. e outros: *Educação inclusiva, Educação infantil, Dificuldade de Aprendizagem e Deficiências físicas*. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. CDU 376: 373.2

GOULART, Iris Barbosa, 1940: *Fundamentos psico-biológicos da educação: 2º grau*/ Belo Horizonte: Editora Lê, 1982.

GUIMARÃES, Tânia Mafra: *Educação Inclusiva: Construindo significados novos para a diversidade*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da educação de Minas Gerais, 2002. (Lições de Minas, 22).

KRUEGER, MAGRIT FROEHLICH: *A relevância da afetividade na Educação Infantil* disponível em www.icpg.com.br . Acesso em 08/01/2011

MIRANDA, Clara Feldnan e outros: *Construindo a relação de ajuda – 5ª edição –* Editora Crescer. Belo Horizonte – 1989.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza – *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004

PEDRINELLI, Verena J et al. *Educação física e desporto para pessoas portadoras de deficiência Brasileira*: MEC-SEDES, SESI-DN, 1994 em www.rc.unesp.br.

PORTOCARRERO, Deborah. *Equação afetiva entre os filtros do professor e dos alunos no processo de ensinar e aprender LE (Inglês): Um estudo de caso*. 2007. Disponível em repositorio.bce.unb.br. Acesso em 15/05/2011.

RIBEIRO, Lair: *Comunicação Global: O poder da influência* – Rio de Janeiro: Educação Objetiva – 1997 (Coleção Sintonia; vol.2)

RODRIGO, Jonas. *Estudo de Caso – Fundamentação Teórica*. Brasília – 2008. Vestcon Editora.

SABERES E PRÁTICAS DA INCLUSÃO : *dificuldades de comunicação e sinalização : deficiência física* - 2. ed. rev. - Brasília : MEC, SEESP, .2003. 98p. . (Educação infantil ; 5)

SAWREY, James M. e **TELFORD**, Charles W.: *Psicologia Educacional* – Depto. De Psicologia, Colégio Estadual São José, Califórnia. Tradução de Equipe do gabinete de Psicologia do Instituto de Educação – GB sob coordenação da prof^a Iva Waisberg Bonow/ Rio de Janeiro – 1996. Ao Livro Técnico S.A.

SCHIRMER, Carolina R. e outros - *Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Física* - SEESP / SEED / MEC - Brasília/DF – 2007

SHINYASHIKI, Roberto T.: *Amar pode dar certo!* 1^a edição – 1988 – São Paulo. Editora Gente.

SILVA, Ana Beatriz B.: *Mentes Inquietas: TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade* – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

SOUZA, César: *O momento da sua virada: estratégias que definem o sucesso de pessoas e empresas!* São Paulo: Editora Gente, 2004.

ZAMPAR, MArilene Vieira Tavares: *Vinte e dois passos para se obter sucesso sem inteligência emocional: dicas de auto-avaliação da sua possibilidade de sucesso!* São Paulo: Paulinas, 1999 (Coleção: Psicologia e Você).

ANEXOS

A – Carta de apresentação (modelo)



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A(o) Diretor(a)

Centro de Educação Infantil Mãe Dolores

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF (polos UAB-UnB de Santa Maria e Ceilandia), além de alunos inscritos em outros pólos, mas que atuam nesta rede. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem

envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Informo que foi autorizado pela Secretaria de Educação por meio do ofício nº. DEM datado de 28/10/2010, a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Informações a respeito dessa autorização podem ser verificadas junto a Secretaria de Educação por meio dos telefones nº.

O trabalho será realizado pelo Professor/cursista Iralda Gonçalves dos Santos sob orientação de Sandra Jacqueline Barbosa cujo tema é: **A IMPORTÂNCIA DA AUTOESTIMA PARA A INCLUSÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061) ou por meio dos e-mails:

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

B – Termo de consentimento livre e esclarecido



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a importância da autoestima para a inclusão de crianças com deficiência física na Educação Infantil. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa questionários e fotografias das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das NEEs , INCLUSAÕ. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Para isso, solicito sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 3822 6615 ou no endereço eletrônico ir-alda@hotmail.com Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Iralda Gonçalves dos Santos

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar - UAB – UnB

Sim, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) neste estudo.

Nome:

Assinatura:

E-mail

(opcional):

C – Termo de consentimento livre e esclarecido



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professores,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre a importância da autoestima para a inclusão de crianças com deficiência física na Educação infantil. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa questionários e fotografias das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das NEEs , INCLUSAÕ. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone 3822 6615 ou no endereço eletrônico ir-alda@hotmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Iralda Gonçalves dos Santos

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e
Inclusão Escolar - UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome:

Assinatura:

E-mail (opcional):

Apêndice I - Questionário para os pais de alunos deficientes

1. Qual é a origem da deficiência de seu filho?

- Nasceu assim
- Acidentou-se
- Paralisia Infantil
- Outros

OBS: _____

2. Como a família encara essa deficiência?

- Com naturalidade
- Com dificuldade
- Não aceita e prefere esconder a deficiência
- Outro motivo

OBS: _____

3. Você acha que o modo como a família encara a deficiência, pode influenciar de alguma forma a autoestima da criança?

- Sim
- Não

OBS: _____

4. Você acha que é importante a afetividade da família para o desenvolvimento positivo da autoestima da criança?

- Sim
- Não

OBS:

5. A família tem buscado melhoria da qualidade de vida da criança, através de programas sociais, envolvimento em atividades esportivas ou mesmo atividades que estimulem o desenvolvimento motor e a autoestima?

() Sim

() Não

OBS:

6. Marque a opção que melhor define as atitudes da família em relação à criança deficiente:

a) () *Negação*. Negam a importância do problema. Após alta da maternidade médicos encaminham para avaliação em centro de reabilitação e os pais não realizam tal coisa.

b) () *Projeção*. Projetam a culpa sentida por eles próprios em pessoas próximas, geralmente nos profissionais envolvidos com a criança. Em alguns casos, colocam a culpa no próprio cônjuge.

c) () *Rejeição*. Afastam-se do bebê, não por que não se preocupem, mas porque é doloroso demais preocupar-se tão profundamente e sentir-se ao mesmo tempo tão completamente impotentes.

d) () Afeição. Independente do problema, amam sem limites, a ponto de querer buscar e lutar por todas as oportunidades que auxiliem no desenvolvimento global dessa criança.

e) () Nenhuma das alternativas.

OBS:

Se quiseres expressar algum assunto não abordado nos tópicos, escreva no espaço abaixo:

APÊNDICE II

Questionário para os professores e coordenadores que trabalham com deficientes físicos

30. Grande parte da psicologia do deficiente está intimamente ligada à psicologia social, ou seja, da interação desse indivíduo com outras pessoas e no ambiente próprio de cada um. Dessa forma, na sua opinião, o indivíduo portador de alguma deficiência será menos limitado pela sua deficiência que pela atitude da sociedade em relação à deficiência? Justifique sua resposta.
31. Essa influência da sociedade em excluir o diferente pode ser observada no comportamento de crianças pequenas que parecem não terem sido influenciadas pelos padrões da sociedade. Brincam livremente com as crianças diferentes: somente após incorporarem os padrões culturais de perfeição e beleza é que passam a zombar da criança de olhos vespigos, do garoto chamando-o de "retardado" ou imitando a gagueira ou a deficiência física dos outros.
- a) É a atitude da sociedade, na maior parte das vezes, que definirá a deficiência como uma incapacidade?
 - b) É o indivíduo portador de deficiência que sofrerá as consequências de tal definição?
32. Se chegasse hoje na Instituição uma criança deficiente com autoestima muito baixa, quais seriam as suas ações para amenizar o problema?
33. De uma forma geral a deficiência significa limites de ação e expansão pessoais e, conseqüentemente, pode acabar por segregar o indivíduo do convívio social afastando-o das oportunidades normais de realização (pessoal, profissional, social, afetiva, etc.). Você concorda com esta afirmativa? Por quê?
5. A criança com deficiência física tem as mesmas necessidades de qualquer outro indivíduo. Ela necessita ser amada, valorizada e sentir-se participante do grupo familiar e social. Incentivada pode tornar-se um adulto integral e produtivo. De que forma você poderia contribuir para atender tais necessidades e ajudá-la a tornar-se um adulto integral e produtivo?